

**SILVA, D. E. G. da. *A repetição em narrativas de adolescentes: do oral ao escrito*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Plano; Oficina Editorial/Instituto de Letras–UnB, 2001, 214 págs.**

*Resenhado por: Carmem Cecília Camatari Galvão*

Este livro da professora de Filologia Românica e de Análise do Discurso, Denize Elena Garcia da Silva, da Universidade de Brasília, envolve mais de 10 anos de pesquisa. Trata-se de uma obra que reflete os resultados alcançados pela autora em seus trabalhos de mestrado e doutorado, acrescidos de suas investigações atuais na linha de pesquisa “Discurso e Interação em Contextos Institucionais” do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UnB. Em *A repetição em narrativas de adolescentes: do oral ao escrito*, a autora compara relatos orais e escritos, produzidos por adolescentes brasileiros e adolescentes mexicanos, tomando como base o fenômeno lingüístico da repetição.

Além de apontar a importância das relações entre os usos da repetição como processo discursivo e como processo gramatical, a autora defende que “a repetição cumpre funções relevantes no discurso e constitui um recurso lingüístico que contribui nos processos de organização textual e interação” (p. 42). Por repetição, Garcia da Silva entende “o segmento lingüístico que guarda algum vínculo semântico e pragmático com a ocorrência matriz (M), além de uma configuração de identidade ou semelhança formal” (p. 73–74), sendo capaz de operar tanto em nível textual (estrutural) quanto em nível discursivo (funcional).

No Capítulo 1, “A oralidade da linguagem frente à cultura escrita”, a Autora aproxima as duas modalidades da língua e mostra a distância que ainda persiste, para alguns estudiosos, entre o texto oral e o escrito. Para ela, deve-se considerar a existência da lectoescritura, ou seja, leitura e escrita como práticas sociais, e do letramento, como continuidade entre o oral e o escrito, relacionando a magnitude deste último conceito ao uso, à função e ao impacto da escrita na sociedade. Garcia da Silva, ao evocar

estudos anteriores a respeito das culturas orais e escritas, aponta trabalhos como o de Ong (1982), que já vislumbrava a interface entre oralidade e escrita, ao considerar que o domínio da palavra escrita era instrumento para enriquecimento da palavra falada, o que, na perspectiva da autora, abria possibilidades para a ampliação do conhecimento e da compreensão a partir do ponto de vista sociocultural, dialógico e interacional. Outros estudiosos associaram letramento a poder e à estratificação social, com o controle da transmissão, pela escola, dos recursos comunicativos. Nesse sentido, a escrita era considerada superior porque representava “padrões sociais e culturais” (p. 32), sustentados e reproduzidos pela escola. Ao contrário dessa concepção, Garcia da Silva defende que, se a oralidade fosse mais valorizada na escola, haveria ampliação da competência pragmático-discursiva e a língua escrita desenvolver-se-ia de maneira mais harmônica. Seguindo o percurso histórico, a Autora identifica os primeiros estudiosos da repetição e chega aos estudos da atualidade. Apresenta a posição de Tannen, para quem existe um *continuum* entre a linguagem oral e a literária, bem como de outros estudiosos do fenômeno. De um lado, estão aqueles para quem a repetição é supérflua do ponto de vista da quantidade da informação e, de outro, os que defendem o fenômeno como necessário, tanto no que concerne ao aspecto formal quanto ao funcional. A autora pertence ao grupo de estudiosos que proclamam a segunda posição, reforçando a valorização do contexto e do processo em que surgem as repetições. Para encerrar o Capítulo 1, Garcia da Silva justifica seu estudo e o aponta como instrumento para a compreensão mais positiva e menos circunstancial da repetição, como ponto de equilíbrio entre as restrições à repetição provenientes da tradição gramatical e as realizações funcionais que emergem do uso efetivo dela no discurso e como possível contribuinte do ensino de redação, ao abordar o *continuum* oral–escrito.

No Capítulo 2, “A repetição”, Garcia da Silva analisa estudos anteriores ao seu e que também visam à repetição como um fenômeno lingüístico fecundo no estabelecimento da organização textual. Depois de explorar estudos, desenvolvidos em diversos países, sobre a repetição na aquisição da linguagem e em algumas línguas, além das românicas, a autora apresenta o estado-da-arte, no Brasil, ao listar uma série de investigações

que enfocam a repetição em contextos interacionais de adultos. Trata-se de estudos voltados para a lingüística textual e para a análise da conversação, entre os quais, destaca a autora, o trabalho desenvolvido por I. Koch (1992, 1997) sobre a repetição como mecanismo de coesão em textos orais dialogados. Com enfoque similar, aparecem dois trabalhos, o de Bessa Neto (1991) e o de Marcuschi (1992). Bessa Neto compara formas e funções da repetição lexical em narrativas orais espontâneas e em narrativas literárias, enquanto Marcuschi investiga formas e funções do fenômeno na fala culta dialogada. Outro trabalho voltado para textos orais dialogados é o de M. Oliveira (1998), em seu livro sobre a repetição como categoria funcional articuladora, responsável pelos aspectos de significação e representação no diálogo. Também A. Castilho (1998), em seu livro *A língua falada no ensino do português*, enfoca, de modo especial, a repetição, mostrando a importância do fenômeno no processo da interação, na criação do texto e na construção da sentença. As propostas de Marcuschi e Bessa Neto constituem a base teórico-metodológica de Garcia da Silva, para quem “a repetição pode ser tomada como universal, devendo-se reconhecer (...) que suas funções diferem de uma língua para outra, de um gênero a outro e de um contexto sociolingüístico para outro” (p. 66). Resumindo seus estudos neste capítulo, a autora afirma que a repetição ocorre tanto na oralidade quanto na escrita, tanto no nível lexical quanto no estrutural. Para tanto, define alguns termos-chave em seu estudo, como ‘repetição simples’ e ‘repetição complexa’, o que favorece o reconhecimento e a delimitação dos tipos formais.

No Capítulo 3, “Um estudo qualitativo com narrativas de adolescentes”, a autora apresenta os passos metodológicos da investigação, tomados com base em procedimentos etnográficos, associando pesquisa qualitativa e quantitativa, respaldadas pela triangulação social e espacial de dados. São dois os *corpora* com que a autora trabalha: um advindo de adolescentes brasileiros, de sua dissertação, e outro advindo de adolescentes mexicanos, de sua tese, constituindo, ambos, 220 textos orais e escritos. As gravações das narrativas foram feitas em territórios neutros, a partir das narrações espontâneas de fatos da vida dos adolescentes; as entrevistas associadas à observação e à gravação foram realizadas com vistas à captação da percepção dos informantes quanto ao uso da linguagem oral e da linguagem escrita. O

gênero narrativo foi o escolhido porque, segundo Labov, o ato de narrar recupera experiências passadas, o que permite expressão lingüística pouco monitorada e, conseqüentemente, uma linguagem próxima da fala vernacular. A análise empírica dos dados foi feita em três passos: 1) delimitação das seções básicas das narrativas; 2) identificação das unidades discursivas, ou unidades de informação, nos textos orais e escritos, segundo o padrão dado/novo proposto por Halliday; e 3) agrupamento das unidades de informação nas seções estruturais das narrativas.

No Capítulo 4, intitulado “Os dois enfoques: forma e função”, Garcia da Silva apresenta os dois aspectos básicos que norteiam sua proposta analítica. Como ponto de partida, focaliza a forma, apontando uma confluência de traços que permitem caracterizar o fenômeno da repetição na superfície do texto (oral ou escrito). Em seguida, discute a função, aspecto que demanda caracterização, em termos semânticos e pragmáticos, das funções desempenhadas pelos elementos repetidos. Neste capítulo, a autora detém-se na forma e descreve os traços componenciais da repetição, o que lhe permite chegar à identificação empírica dos tipos formais, analisados, inicialmente, dentro de narrativas orais e, depois, nas narrativas escritas correspondentes, produzidas pelos mesmos informantes. Apresenta, então, os domínios pertencentes à forma e os subdomínios correspondentes. O primeiro domínio é o da produção, subdividido em auto-repetição e hetero-repetição, que permite identificar a existência de vozes reportadas na mesma produção discursiva. O segundo domínio é o da segmentação, subdividido no nível lexical, no sintagmático e no oracional, correspondentes ao nível de ocorrência do segmento repetido. O terceiro domínio é o de distribuição, pelo qual a repetição é classificada como contígua ou próxima à matriz ou distante dela, que identifica o espaço existente entre a repetição e o segmento projetado como matriz. O quarto domínio é o da configuração, subdividido em repetição simples, complexa, lexical e oracional, que se refere ao grau de igualdade ou semelhança presente entre o segmento repetido e sua matriz e pressupõe *continuum* de igualdade e semelhança. Garcia da Silva mostra que, por combinação matemática, são possíveis trinta e seis combinações entre os traços componenciais da repetição.

No Capítulo 5, “Os domínios funcionais”, o propósito da autora é apresentar tipologia funcional da repetição e associá-la às funções da linguagem propostas por Lyons e Halliday. Para tanto, demonstra a plurifuncionalidade da repetição, tanto na oralidade quanto na escrita. São duas as hipóteses da autora: 1) as funções que um segmento repetido cumpre mantêm relação harmônica entre si; e 2) uma das funções é básica. Existem, portanto, três categorias funcionais básicas: conexão, interação e processamento, cada uma com as respectivas microfunções da repetição. A conexão tem caráter de ligadura; subdivide-se em coesão e formulação; as microfunções são: expansão, reformulação e enquadramento. A interação mantém as redes de relações sociais e expressivas; subdivide-se em envolvimento e avaliação; as microfunções são: intensificação da narrativa, suspensão da ação narrativa, ênfase e reforço. O processamento liga-se à percepção do(a) narrador(a) quanto ao próprio discurso; subdivide-se em produção; as microfunções são: simplificação da produção discursiva, apoio para preencher pausas, ‘ponte’ ou superação de interrupções e reparação; e compreensão; as microfunções são: atualização de cena, esclarecimento ou metacomentário e reajuste ou precisão de sentido.

Apresentadas as funções da repetição, Garcia da Silva afirma que “existe uma função mais geral da R [repetição] que é básica, sendo esta pertinente ao domínio da conexão” (p. 184), tanto nas narrativas orais quanto nas escritas, e também reitera que há, sim, harmonia de funções da repetição, conforme se pode verificar pela triangulação das três categorias funcionais básicas e respectivas microfunções, o que comprova a hipótese inicial de seu estudo.

Para respaldar a investigação, a autora trabalha com dados quantitativos, o que lhe permite comprovar os resultados alcançados e responder às questões de pesquisa: 1) quais são os tipos de repetição no discurso oral e no discurso escrito?; 2) compartilham o oral e o escrito procedimentos que evidenciam funções análogas no que diz respeito à repetição?; e 3) se diminuem as repetições na escrita, desaparecem as funções ou estas se cumprem com outros procedimentos?. Quanto a 1), não há relação direta entre forma e função, porque sempre há uma forma com mais de uma função, o que a triangulação demonstrou. Quanto a 2), o oral e o escrito

compartem procedimentos de repetição, desde que guardadas as condições de produção, gênero textual e tipo de registro. Quanto a 3), as funções da repetição não desaparecem na escrita, o que aponta a necessidade de aprofundar estudos que se voltem para questões de gramaticalização.

O livro de Garcia da Silva, sem dúvida, é contribuição importante para o avanço dos estudos de língua portuguesa, porque a autora considera fatos da língua e os investiga com a minúcia que somente os filólogos desenvolvem. Ao escolher a língua viva, usada no cotidiano, e relacioná-la com a escrita, em que o mesmo fenômeno da repetição ocorre, contribui para aproximar de vez oralidade e escrita, evidenciando, incontestavelmente, que a repetição não está limitada à oralidade. Ao contrário, trata-se de fenômeno comum às duas modalidades de linguagem. Cumpre destacar os exemplos numerosos e elucidativos dos conceitos explanados e a escolha criteriosa deles para a melhor compreensão do(a) leitor(a), além da tradução dos exemplos em espanhol, cuidado que torna o livro ainda mais acessível aos leitores. A explanação gradativa e clara dos conceitos apresentados, sem a arrogância de certos autores que consideram que seus leitores já conhecem os significados dos nomes técnicos empregados por eles, torna a construção dos conceitos simples e a progressão na leitura questão de dedicação. Este livro de Garcia da Silva é relevante não só pelo tratamento que dá à repetição, ao mostrar o caráter multifuncional de um fenômeno lingüístico-discursivo, mas, sobretudo, por tratar-se de uma das primeiras obras no Brasil que, refletindo o perfil de duas culturas, a brasileira e a mexicana, oferece materiais orais e escritos, em português e em espanhol, analisados de maneira exaustiva sem ser extenuante.